

Roberto Cardoso de Oliveira e a história da antropologia do Brasil: trajetória e institucionalização da disciplina no país¹

Amanda Gonçalves Serafim (UNICAMP/SP)

Palavras-chave: Roberto Cardoso de Oliveira, história da antropologia, institucionalização.

Essa comunicação tem o intuito de refletir sobre o processo de institucionalização da antropologia no Brasil através dos documentos de Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006) e de depoimentos a respeito de sua trajetória junto a antropólogos com quem desenvolveu uma relação profissional e pessoal. Cardoso de Oliveira foi um dos principais responsáveis pelo início do processo de institucionalização da antropologia no Brasil, atuando na criação dos primeiros programas de pós-graduação. Para apresentar essa reflexão, o texto está dividido em 5 partes; na primeira contextualizo o antropólogo e seu trabalho acadêmico e institucional; em seguida contextualizo a doação de seu arquivo e os documentos; já na terceira parte, analiso aspectos de seu projeto de antropologia que abarca a produção dos programas de pós-graduação, seu trabalho teórico, e participação em espaços avaliativos e de discussão da disciplina; sigo refletindo sobre a rede de relações que estabeleceu; e termino com minhas considerações finais. Vale frisar, por fim, que as ideias desse texto são baseadas em minha investigação de mestrado em desenvolvimento².

“Abraços do velho”: apresentando Roberto Cardoso de Oliveira

Roberto Cardoso de Oliveira se formou em filosofia na Universidade de São Paulo (USP) na década de 1950. Ainda durante sua formação, através da influência das aulas de Gilles Gaston Granger (1920-2016), já tinha um interesse em estudar as ciências sociais através da filosofia, e assim teve seu primeiro contato com a antropologia através das aulas de Florestan Fernandes (1920-1995). Ao final de sua graduação recebe um convite de Darcy Ribeiro (1922-1997) para trabalhar no Museu do Índio, vinculado ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI), onde permanece até 1958. É lá que dois dos

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Processo nº 2017/26452-6, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

trabalhos que marcaram a sua carreira se iniciam: o primeiro é o começo de sua pesquisa em etnologia, junto aos Terena povo indígena de língua Aruak, localizado no estado do Mato Grosso do Sul; já o segundo é o auxílio dado na construção e desenvolvimento do curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural, desenvolvido por Ribeiro, que mais tarde será inspiração para a criação de outra iniciativa no Museu Nacional.

Em 1958, ingressa na Divisão de Antropologia do Museu Nacional (MN) a convite de Luiz de Castro Faria (1913-2004), junto a quem ajudou a fundar a Associação Brasileira de Antropologia (ABA). No MN continua com a proposta de formação em antropologia, assim de 1960 a 1962 organiza o Curso de Especialização em Teoria e Pesquisa em Antropologia Social³, reformulando alguns aspectos da experiência realizada no Museu do Índio, como a densidade dos conteúdos abordados. É a partir dessa experiência e das possibilidades de criação de programas de pós-graduação, estes incentivados pelo Parecer Sucupira e pela Reforma Universitária juntamente ao financiamento da Fundação Ford, que em 1968 organiza junto a David Maybury-Lewis (1929-2007) o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS)⁴. Iniciativa que ajuda a implementar o sistema de trabalho de dedicação exclusiva, tanto ao ensino como à pesquisa.

Paralelamente ao seu trabalho no MN, realiza seu doutorado em sociologia na USP, entre os anos de 1962 e 1966, sob a orientação de Florestan Fernandes e intitulado *Urbanização e Tribalismo: A integração dos Terêna numa sociedade de classes*. A tese de Cardoso de Oliveira recebeu uma influência direta do trabalho desenvolvido por Fernandes, que também pensava na integração nacional, adicionando um viés de raça e classe. No período que esteve no MN, Cardoso de Oliveira publicou livros e artigos resultantes de sua pesquisa junto aos Terena, desenvolveu pesquisas sobre as relações entre indígenas e a sociedade nacional e também desenvolveu a noção de fricção interétnica. Além disso, a parceria com a Fundação Ford e com Maybury-Lewis se desdobrou também no convênio *Harvard-Central Brazil Research Project*, uma parceria entre a Universidade de Harvard e o Museu Nacional. Essa iniciativa contou com dois

³ No ano seguinte o curso passou a cunhar o termo Antropologia Cultural ao invés de Antropologia Social. Segundo Julio Cezar Melatti (1938-), em entrevista realizada em 17 de junho de 2019, a participação de Castro Faria como professor a partir desse ano pode ter influenciado na alteração do nome.

⁴ O PPGAS do MN foi o primeiro programa em antropologia social no Brasil nos moldes atuais da pós-graduação, após o Parecer Sucupira de 1965. Houve uma tentativa anterior na Universidade de Brasília (UnB), mas devido a crises na década de 1960 resultou em apenas um mestre, o antropólogo Pedro Agostinho da Silva (?-)

grandes projetos de pesquisa: “Estudos de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil” e o “Estudo Comparativo da Organização Social dos Índios do Brasil”.

Cardoso de Oliveira sai da direção do MN para realizar seu pós-doutorado na Universidade de Harvard em 1971. Nos Estados Unidos, continuou a realizar pesquisas sobre fricção interétnica, que eram voltadas para questões de identidade e relações sociais. Ao seu retorno, em 1972, o antropólogo vai trabalhar na Universidade de Brasília (UnB), devido à reformulação nos cargos e na estrutura administrativa da instituição, ocasionado pela incorporação do MN à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em Brasília, ajuda a criar o PPGAS dessa instituição nos mesmos moldes do curso desenvolvido no Rio de Janeiro, o mestrado se inicia em 1972 e o doutorado em 1981. Além disso, cria também o Anuário Antropológico, importante periódico do campo da antropologia, que servia como um espaço de debate, de alcance nacional, divulgando as pesquisas em andamento na Universidade e debates comuns na área. Nesse período em que está trabalhando na UnB, o antropólogo mantém suas pesquisas em etnologia, mas também começa a desenvolver trabalhos sobre as raízes da disciplina e o fazer antropológico em países centrais e periféricos.

É ainda nesse período que intensifica suas relações com o México, principalmente com o antropólogo Guillermo Bonfil Batalla (1935-1991), incentivando o intercâmbio de pesquisadores entre os dois países, atuando como professor visitante no *Centro de Investigaciones Superiores del Instituto Nacional de Antropología e Historia* (CIS-INAH)⁵ entre 1979 e 1980, e viajando frequentemente também ao país. Essa importante relação culminou na criação da Cátedra Internacional Roberto Cardoso de Oliveira em 2010, uma parceria entre os dois países através do CIESAS e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) para incentivar pesquisas nas áreas de investigação do autor, bem como para estimular o intercâmbio de saberes de antropologias produzidas nos dois países.

O antropólogo chega na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1985, impulsionado por uma entrevista ao Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB)⁶, como conta a Maybury-Lewis:

Eu, pessoalmente, e a Mariza Corrêa e seu projeto sobre a História da Antropologia Brasileira, gostaríamos que você viesse a Campinas depois da Reunião [Brasileira de Antropologia], a fim de dar um depoimento sobre a sua

⁵ Atualmente *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS).

⁶ Além de sua transferência para a universidade, o PHAB é importante também para a doação de seu arquivo e será melhor apresentado adiante.

participação nessa História e, em seguida, dar uma entrevista que será filmada em vídeo (a coisa não é chata! Fui submetido a todo esse ritual em 1984 -- o que resultaria em minha transferência para cá...) (14 de fevereiro de 1986 – Arquivo Edgard Leuenroth).

Na Unicamp participa da criação do doutorado em ciências sociais, contribuindo com a área temática “Itinerários intelectuais e etnografia do saber”. É nesse período que o antropólogo retoma seu diálogo com a filosofia e a perspectiva de estudar a antropologia através da epistemologia, com sua reflexão acerca do fazer antropológico no Brasil e em outros países periféricos. É importante frisar que Cardoso de Oliveira foi um importante produtor de um fazer antropológico, como também de uma história dessa própria antropologia e de uma formação nacional na disciplina.

Nesse período, Cardoso de Oliveira foi também presidente da ABA (1984-1986) e da Associação Latino-Americana de Antropologia (1993-1997). Em relação a ABA, vale ressaltar que Cardoso de Oliveira atuou na associação desde o início, sendo tesoureiro em sua primeira diretiva – junto a Castro Faria como presidente e Ribeiro como secretário –, além de ter sido secretário e membro do Conselho Científico em algumas gestões. O antropólogo se aposentou da Unicamp em 1991, porém, permaneceu na universidade⁷ como professor convidado até 1997. Ao final retoma seu trabalho na UnB, como professor visitante, onde permanece até a sua morte. O antropólogo também atuou no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), nas décadas de 1970 e 1990⁸.

A chegada do fundo Roberto Cardoso de Oliveira ao Arquivo Edgard Leuenroth

Investigar o arquivo de Cardoso de Oliveira, além de permitir uma reflexão de sua atuação na disciplina, possibilita também uma materialização das ramificações de seu trabalho que versam sobre a produção teórica, a formação de profissionais, a criação de instituições e a consolidação de redes de relações nacionais e internacionais que incentivou e desenvolveu. Além disso, analisar a constituição de seu fundo documental,

⁷ Nesse período também atuou como professor visitante em outras instituições, como o MN e a USP.

⁸ Além disso, Cardoso de Oliveira se tornou Professor Emérito na Unicamp em 1988, e Professor *Honoris Causa* da UFRJ em 1989 e da UnB em 2003; também foi condecorado como comendador da Ordem do Rio Branco pelo Ministério das Relações Exteriores em 2001, ganhou a medalha Roquette-Pinto pela contribuição à antropologia brasileira pela ABA e recebeu em 1978 o prêmio *International Award for the Promotion of Human Understanding* oferecido pela *International Organization for Elimination of All Forms of Racial Discrimination* (EAFORD) por sua contribuição nas pesquisas sobre sociedades indígenas no Brasil – índices da importância que sua figura ocupa na história da antropologia no país.

organização, doação e guarda nos permite acompanhar a construção de sua memória e de suas contribuições para a antropologia.

Como mencionado anteriormente, Cardoso de Oliveira contou em uma carta à Maybury-Lewis que foi a entrevista dada ao Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB)⁹, coordenado por Mariza Corrêa (1945-2016), que resultou em sua transferência para a Unicamp. Assim, junto a sua mudança de instituição, a importância dada ao PHAB e a impossibilidade de armazená-lo com as condições propiciadas por um arquivo, o antropólogo doou seu acervo pessoal e acadêmico para a Unicamp, ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)¹⁰.

Sobre a transferência, Cardoso de Oliveira narra a chegada de parte de seu acervo à Unicamp: “Então vieram de lá [Brasília] 13 caixas desse tamanho, 13 caixas... (indica com um gesto, risos). Então ela [Mariza Corrêa] viu, não sei se ficou surpresa ou não, e pediu uma sala grande para colocar o meu acervo” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998)¹¹. Porém, a sua relação com os documentos é anterior a esse momento. A organização deste material sempre foi uma preocupação para o antropólogo, mesmo antes de serem de fato arquivados, seus documentos e correspondências já estavam organizados à sua maneira desde a década de 1950. É importante lembrar que o acervo conta com muitas cartas enviadas por ele, além das recebidas, uma vez que o antropólogo guardava cópias de todas essas cartas – não só das institucionais, mas também das cartas com conteúdo pessoal e as de terceiros. Além de muitas correspondências, o fundo Roberto Cardoso de Oliveira conta também com relatórios, projetos de pesquisa, material diversos de docência, editais de pós-graduação, manuscritos, rascunhos de textos, para citar uma parcela dessa documentação.

⁹ Segundo Corrêa (1995), o PHAB se iniciou em 1984 e tinha como objetivo inicial colher depoimentos de antropólogos das primeiras gerações da disciplina no país. As gravações em vídeos das entrevistas, o recebimento de acervos doados e o aumento de auxílios financeiros, foram ampliando o projeto, que, em 1995, contava com 22 depoimentos gravados em vídeo (dentre eles o de Roberto Cardoso de Oliveira) e 25 áudios. Esse material também possibilitou a publicação dos livros *História da Antropologia no Brasil: 1936-1960* (1987), *Antropólogas e Antropologia* (2003a), *As reuniões brasileiras de antropologia – Cinquenta anos (1953-1960)* (2003b) e *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia* (2013) de Mariza Corrêa. O projeto, finalmente, possibilitou um primeiro trabalho de organização dos acervos de Donald Pierson, de Roberto Cardoso de Oliveira e da ABA.

¹⁰ O AEL foi criado em 1974, com a chegada de documentos reunidos por Edgard Leuenroth (1881-1968), jornalista anarquista que fundou e contribuiu com diversos jornais e periódicos, e fica localizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Atualmente abriga documentos relacionados à história social, política e cultural do Brasil e da América Latina, além de documentos relacionados às diversas pesquisas realizadas no instituto, bem como de história intelectual. Dados disponíveis na página do arquivo. Disponível em: <<https://www.ael.ifch.unicamp.br/historico>> & <<https://www.ael.ifch.unicamp.br/edgard-leuenroth>>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

¹¹ Trecho da entrevista concedida a Etienne Samain e João Martinho de Mendonça em 1998 e disponível no artigo *Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira* (2000).

Esse material continuou aumentando ao longo dos anos, já que Cardoso de Oliveira continuou enviando de tempos em tempos outros documentos ao arquivo, mesmo quando voltou à Brasília: suas correspondências, por exemplo, eram enviadas a cada cinco anos, à medida que acumulava essa documentação. Em relação a seu próprio projeto pessoal de preservar uma memória de sua trajetória intelectual à luz da constituição de uma historiografia da disciplina na qual atuou, afirma:

Mas o que eu quero dizer é que doe também como uma forma de colaborar com o projeto sobre História da Antropologia no Brasil, e uma maneira de verificar se o que eu tenho pode servir, eventualmente, como testemunho da antropologia vivida por mim durante um longo período. Trabalho em antropologia desde 1954. E desde 1954 é um tempo razoável, sobretudo numa época que havia poucos antropólogos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998).

A partir disso, fica claro que Cardoso de Oliveira acreditava que seus documentos poderiam contribuir com a produção de uma historiografia da disciplina e com isso sua preocupação com a preservação desse material e o acesso de pesquisadores; além de seus documentos textuais, as fotografias produzidas em seus trabalhos de campo e viagens profissionais, incluindo algumas mais pessoais, foram também doadas para que pudessem estar em um local apropriado e não se perdessem com o tempo¹². Dessa forma, razões de ordem prática parecem se confundir e entrelaçar com a produção de uma memória e uma narrativa, pessoal e subjetiva que é preciso considerar para compreender a importância que este acervo tem na reflexividade antropológica que Cardoso de Oliveira tanto buscou em sua obra.

Mariza Corrêa havia proposto inicialmente chamar o fundo Roberto Cardoso de Oliveira de *arquivo RCO*, porém, o antropólogo enxergava outro caminho para esses documentos, já que eles deveriam ser a base de um *Arquivo Histórico da Antropologia Brasileira*: pela importância do material para a história da disciplina e para que o fundo pudesse agregar futuramente os arquivos de outros antropólogos. O próprio Cardoso de Oliveira buscou articular, com vários de seus colegas, o envio de seus acervos pessoais para o projeto, como de Donald Pierson (1900-1995) e de Castro Faria. Ao final passou a ter um terceiro nome, porém junto a outros fundos documentais depositados no AEL faz parte do acervo de história da antropologia da instituição¹³. Além disso, essa narrativa vai também de encontro com a forma com que construiu a sua memória: Cardoso de

¹² Apesar das fotografias aparecerem pouco em seus livros, elas também refletem a materialização de sua atuação, compreendendo suas pesquisas, suas relações e a formação de antropólogos.

¹³ Atualmente o arquivo conta com 12 fundos de antropólogos ou instituições da disciplina.

Oliveira tinha uma percepção da importância de seu trabalho – inclusive não hesitava em se colocar em sua produção teórica sobre a antropologia na região –, falava da questão também em entrevistas e criou mecanismos que possibilitaram com que esse legado fosse perpetuado, como por exemplo, a partir da doação de seu arquivo, mas também a partir de sua participação em diversas instituições.

O fundo Roberto Cardoso de Oliveira contava, de 1990 até 2016, com a organização simples de parte do acervo, que corresponde aos documentos que chegaram até 1994, e possuía 390 pastas. Segundo Porto (1992), a organização do acervo começou com o trabalho de Flávia Carneiro e Héliana Fernandes Soares com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), e, posteriormente, com o trabalho de Beatriz Couto Porto com o apoio do CNPq. O acervo foi dividido em quatro séries: Vida Pessoal, Correspondência, Vida Acadêmica e Produção de Terceiros. Além disso, conta com folhetos, livros e fotografias. Porém, como o antropólogo continuou enviando seus documentos, há uma segunda parte do fundo que ficou armazenada na reserva técnica¹⁴ do AEL e que começou a ser incorporada em 2016, e com isso, o número passou a 601 pastas. Em 2019 foi iniciada uma nova reorganização do acervo, com a realocação de parte dos documentos e a criação de uma nova listagem do material.

A institucionalização da antropologia no Brasil

Como já foi apresentado brevemente na primeira parte desse texto, Cardoso de Oliveira foi atuante na construção de alguns dos primeiros programas de pós-graduação do país, atuando no Museu Nacional e na UnB, ao mesmo tempo que mantinha uma rede de relações em outras universidades. Além disso, essa sua participação fazia com que ele colaborasse também com programas internacionais e com indicações de outros programas brasileiros. Ou mesmo em sua parceria com a Fundação Ford, que foi importante no financiamento de pesquisas individuais e de projetos colaborativos, como o *Harvard-Central Brazil Research Project*, e da criação dos programas do Rio de Janeiro e de Brasília. Além disso, segundo Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1953-) em entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2019, a Ford havia lhe oferecido uma bolsa para avaliar programas de pós-graduação nos EUA, entretanto Cardoso de Oliveira não aceitou, porque com isso perderia a chance de fazer sua pesquisa de pós-doutorado, a qual foi também financiada pela Fundação. Ainda sobre isso afirmou: “mas eu estou dizendo isso

¹⁴ Local onde estão alocados os documentos em caixas, aguardando o processamento técnico.

porque a Ford de fato teve uma experiência boa com ele e apostou muito nele” (Luís Roberto Cardoso de Oliveira, 2019). Vale ressaltar que a Fundação Ford foi também importante para o desenvolvimento e financiamento de projetos das ciências sociais no país.

Aliado a esses campos de atuação, Cardoso de Oliveira também participou de comissões da CAPES e do CNPq, o que foi importante também para desenvolver uma visão e uma atuação sobre os processos de avaliações dos programas. Em uma dessas iniciativas, participou da subcomissão de Pós-Graduação de Pesquisa da CAPES de forma a refletir a respeito de sua consolidação e desenvolvimento no país, onde traçaram diretrizes para a avaliação e para o mecanismo de distribuição de bolsas da instituição, além da criação de uma comissão nacional:

A sub-comissão propõe a criação de um Conselho Federal ou Comissão Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa, com força política e capacidade administrativa necessária para efetivamente consolidar a pós-graduação e desenvolver a pesquisa no espaço de responsabilidade que cabe ao MEC. Esse Conselho ou Comissão seria constituído por pesquisadores de alto nível e em plena atividade profissional indicados pelo Ministro da Educação e nomeados pelo Presidente da República; sua secretaria-geral seria ocupada pelo Diretor da CAPES – que se constituiria, por sua vez, no órgão administrativo e executivo do Conselho (Roberto Cardoso de Oliveira, S/d, Arquivo Edgard Leuenroth).

A partir da trajetória e dos elementos aqui apresentados já é possível perceber o caminhar de Cardoso de Oliveira como um articulador de programas, agências, financiamento de pesquisas e de produção teórica. Dessa forma, proponho analisar o projeto de institucionalização realizado pelo antropólogo a partir de três eixos diferentes desenvolvidos ao longo de sua carreira. Assim, em um primeiro momento, sua dedicação esteve voltada para a criação desses programas, aliado a construção de um modelo de antropologia que estivesse unindo tanto a dedicação exclusiva dos pesquisadores, como uma formação acadêmica com forte pesquisa de campo, isso pode ser notado pela forma como, tanto o programa de especialização, como também o de mestrado do MN foram concebidos, mas também os programas seguintes que participou. Além disso, a cada novo curso criado, novos objetivos foram estabelecidos a partir das realidades locais: como o caso da UnB que já tinha um curso de graduação em ciências sociais em desenvolvimento, e com isso um corpo docente já estabelecido e; a necessidade de haver um equilíbrio no desenvolvimento dos dois tipos de formação. E também no caso da Unicamp, onde seu diferencial era o desenvolvimento de um programa interdisciplinar, que almejava que isso ocorresse em todas as suas áreas temáticas, com professores com distintas formações e a

realização de aulas metodológicas integradas para todos os alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS).

Sobre sua relação com esses programas, é importante lembrar que como disse Corrêa (2013), Cardoso de Oliveira é “talvez o único antropólogo brasileiro a ter vivência cotidiana de todos os primeiros quatro programas de pós-graduação [...] em antropologia no país” (CORRÊA, 2013, p. 13), e com isso imprimiu a marca de seu projeto de antropologia, ou seja, os aspectos que julgava ser importantes e que construiu ao longo de sua vida, como a união entre ensino, pesquisa, políticas científicas e instituições. Essa relação é mencionada em parecer a respeito do PPGAS do MN realizado para a FINEP:

[O programa do MN] de qualidade comparável aos programas irmãos, quer a Unicamp, quer a UnB. Se o objetivo primeiro dos programas de pós-graduação é a produção científica e a reprodução de professores/pesquisadores – como acredito que deva ser –, então o programa da U.F.R.J. vem cumprindo amplamente este desiderato (Roberto Cardoso de Oliveira, S/d, Arquivo Edgard Leuenroth)¹⁵.

Em um segundo eixo, é possível perceber a reflexão de Cardoso de Oliveira dos programas que já haviam sido desenvolvidos e que passavam pelo debate em vários congressos da disciplina ou em discussões da pós-graduação brasileira; no fundo documental é possível mapear diversos convites e textos que foram apresentados em tais ocasiões. Em uma delas, foi convidado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) para refletir sobre a formação e modernização da institucionalização da disciplina no país a partir de sua trajetória. A respeito da análise desse período, o antropólogo afirmou que:

Em primeiro lugar, começaria por dizer que a Antropologia – e aqui restrinjo-me à Antropologia Social e Cultural – não seriam a mesma se não tivesse sido implantado no país o atual sistema de pós-graduação [...] a pós-graduação (que passarei a indicar simplesmente com a sigla PG) ampliou enormemente o quadro de antropólogos no Brasil, com resultados visíveis na produção de publicações e no aprimoramento da qualidade de ensino da disciplina em seus diferentes níveis, de graduação e de pós-graduação. O fato de não haver uma graduação na disciplina, mas somente em Ciências Sociais, o surgimento dos programas de PG, a partir da reformulação do ensino de pós-graduado pelo “Parecer Sucupira”, exarado em 1965, introduziu pela primeira vez no país uma clara consciência de profissionalização na disciplina [...] O modelo norte-americano, proposto no Parecer Sucupira, ainda que se chocasse com a tradição universitária brasileira – notadamente a que se realizava na USP –, veio de certa forma atender a uma expectativa de mudança no estado da arte da PG no país, ensejando a criação quase simultânea de três novos Programas e a reformulação de um quarto tradicional. Foram criados os Programas do Museu

¹⁵ Não há uma data no parecer, porém esse se encontra junto a outros documentos do ano de 1978 e sabe-se que foi produzido pós 1972, em razão da natureza dos dados apresentados. Além disso, é importante ressaltar que o programa da Unicamp que ele menciona aqui é provavelmente o PPGAS e não o PPGCS.

Nacional/UFRJ em 1968, da Unicamp em 1971, da UnB em 1972 e reformulado o da USP em 1972. Dou destaque a esses quatro programas não só porque eles concentraram a época o maior número de antropólogos pesquisadores em seus respectivos quadro docentes, como produziram, juntos, a quase totalidade das teses em Antropologia defendidas no período coberto pelos documentos “Avaliação e Perspectiva” (CNPq) de 1974, 1977 e 1978 (Roberto Cardoso de Oliveira, S/d, Arquivo Edgard Leuenroth)¹⁶.

O terceiro eixo se inicia com a participação do antropólogo em eventos para a discussão da disciplina produzida em países da América Latina, desde a década de 1960, como os Congressos Indigenistas Interamericanos, os Congressos de Americanistas e as Reuniões para a Integração do Ensino nas Pesquisas Antropológicas. Esses eventos que tinham como objetivo pensar sobre a produção da antropologia nos países da região, e a articulação do ensino e a pesquisa, tratavam de: “avaliar o grau de incorporação das disciplinas antropológicas (Antropologia Social, Etnologia, Arqueologia e Linguística) naqueles países que alguns anos mais tarde passaríamos a considerá-los periféricos” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 144-145). Essas discussões que ocorreram em vários encontros, durante duas décadas, influenciaram a pesquisa de Cardoso de Oliveira nos anos de 1980: primeiro sobre as raízes racionalista e empirista em Antropologia Social e depois se expande para pensar a antropologia produzida em países periféricos. Nos documentos desse período é possível encontrar os projetos iniciais dessa investigação, e com isso localizar os objetivos e conceitos definidos mais claramente. Trago um trecho de um rascunho que remonta o contexto, as questões teóricas e as pesquisas particulares envolvidas nesse grande projeto:

Pensar as diferentes antropologias “periféricas” não significa de modo algum considerá-las necessariamente como inferiores às dos centros metropolitanos. A metáfora geométrica não possui o mesmo significado que se observa no discurso da economia ou da ciência política. Nos termos do presente projeto, periferia tem um caráter meramente geográfico e a ela não está incrustado nenhum juízo de valor. Remete – isso sim – à dimensão histórica do fenômeno “antropologia”, indicando com o termo os lugares de origem da disciplina, o que significa dizer que as antropologias periféricas não estão soltas na história, porém nela claramente enraizadas [...] O projeto pretende alcançar resultados que se situam em dois níveis: teórico e prático. Ao nível teórico, pretende-se com ele interpretar as antropologias periféricas em suas respectivas singularidades, sem no entanto desenraizá-las da matriz disciplinar que as gerou, de maneira a lograr construir um amplo quadro de referência, simultaneamente estrutural e histórico, que de abrigo aquelas singularidades sem perder a universalidade que lhe é própria [...] A nível prático, melhor diria político, espera-se incrementar as relações entre os institutos ou departamentos de antropologia situados em nosso país com seus congêneres localizados em países não metropolitanos, como a Índia, o Canadá francófono (Quebec), a Argentina, a Venezuela, o México, a Austrália, Espanha e Portugal, para

¹⁶ Apesar do documento não estar datado, é possível afirmar que ele foi escrito a partir de 1985, já que apresenta a filiação de Cardoso de Oliveira na Unicamp.

exemplificarmos com alguns países cujas antropologias já estão sendo estudadas ou estão em vias de ser pelos membros deste projeto (Roberto Cardoso de Oliveira, S/d, Arquivo Edgard Leuenroth).

Assim, o terceiro eixo abarca também o momento crucial das pesquisas que Cardoso de Oliveira passou a desenvolver momentos antes de sua transferência para a Unicamp, principalmente enquanto professor da instituição. As pesquisas eram sobre a antropologia produzida em países periféricos, e se desdobraram em seu projeto colaborativo dos diferentes estilos da disciplina produzida em vários países, incluindo o Brasil, que partem do conceito de matriz disciplinar – a partir da noção de Granger¹⁷. O tema das antropologias periféricas foi desenvolvido e sistematizado em três livros do autor: *Sobre o Pensamento Antropológico* (1988), *Estilos de Antropologia* (1995) e *O Trabalho do Antropólogo* (1998). Esse é um momento de reaproximação com a filosofia e com seus planos iniciais de estudar as ciências sociais através da epistemologia. Vale destacar ainda que a linha de pesquisa coordenada por Cardoso de Oliveira na Unicamp era relacionada também a esses mesmos interesses de pesquisa.

Além disso, foi também a partir das discussões desenvolvidas em eventos internacionais que o antropólogo esteve presente em duas iniciativas de organização dos profissionais da América Latina. A primeira foi a Reunião Técnica de Antropólogos e Arqueólogos da América Latina e do Caribe, ocorrida em 1979. Assim, a partir desse repertório de discussões e experiências, Cardoso de Oliveira começou, junto a Bonfil Batalla, a articular a criação de uma Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA). Apesar da ALA ter sido criada formalmente apenas em 1990, sua concepção e articulação junto a profissionais de outros países começou pelo menos na década anterior. A associação teve como seus dois primeiros presidentes o antropólogo mexicano (1990-1991)¹⁸ e o brasileiro (1993-1997). Sobre a necessidade de uma integração possibilitada pela ALA, Cardoso de Oliveira alerta em carta a Bonfil Batalla a urgência de acelerar o processo para transformar o caráter das relações estabelecidas até aquele momento e aprofundá-las:

Tenho a impressão que se efetivamente desejamos ter uma Associação Latino-Americana, não devemos demorar muito tempo em constituí-la. A reunião de Morelos¹⁹ e a do Rio de Janeiro²⁰ estão a revelar a necessidade de um

¹⁷ “*Essai d’une philosophie du style* (Armand Colin, 1968), cuja tradução brasileira veio a lume em 1974, em coedição *Perspectiva/Edusp*” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1995, p. 177).

¹⁸ Com a morte de Bonfil Batalla, Antonio Augusto Arantes (1943-), a época secretário da ALA, assumiu as funções até as novas eleições.

¹⁹ Reunião Técnica de Antropólogos e Arqueólogos da América Latina e do Caribe (1979).

²⁰ XII Reunião Brasileira de Antropologia (1980), onde ocorreu o simpósio sobre os Rumos da antropologia.

intercâmbio mais organizado, menos pessoal (pois o que tem ocorrido entre nós é basicamente o desdobramento de afinidades pessoais e intelectuais); algo que, criado, ande por si, sem exigir de umas poucas pessoas permanentes articulações, como que “administrando” o intercâmbio (Roberto Cardoso de Oliveira, 16 de agosto de 1980 – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social*²¹).

Os eixos aqui apresentados acabam por ser desdobramentos dos trabalhos desenvolvidos pelo antropólogo e não são excludentes ou etapas de uma trajetória linear, mas sim aspectos que foram acontecendo, por vezes no mesmo momento, durante seu trabalho acadêmico. Algo que pode ser extraído das contribuições dos três eixos, é que para além da importância que Cardoso de Oliveira teve ativamente na construção da institucionalização, seu acúmulo de experiências o possibilitou conhecer muito bem os outros programas de pós-graduação, manter um diálogo com pesquisas realizadas em várias instituições e escrever e falar sobre a experiência brasileira e Latino-Americana.

Vale ainda destacar, que o processo de institucionalização da disciplina marcou “um novo modo de fazer antropologia no país” (CORRÊA, 2013, p. 155), trocando a participação individual pelos programas, ampliando o número de antropólogos e suas publicações e criando uma forma própria de fazer a disciplina.

As redes de relações contidas nos documentos

As correspondências do fundo Roberto Cardoso de Oliveira permitem perceber uma rede de relações profissionais e pessoais estabelecida pelo antropólogo no exercício de seu trabalho, além de permitir conhecer outros aspectos de sua atuação. Nesse sentido, as entrevistas e a consulta de outros acervos foram também importantes para a compreensão de certos aspectos de sua trajetória e de como se desenvolveu sua rede de contatos no país, nos EUA e na América Latina. É importante mencionar que há uma impossibilidade em dissociar a análise de um projeto intelectual e institucional de antropologia no Brasil e a reflexão de uma rede de relações interpessoais de seus praticantes.

Em relação as cartas trocadas com Maybury-Lewis, elas são uma síntese desse argumento. Os dois antropólogos tiveram uma trajetória próxima, trabalharam com etnologia, além de terem idades semelhantes e terem construídos juntos o PPGAS do MN

²¹ Além do fundo Roberto Cardoso de Oliveira depositado no AEL, foram consultados também o fundo Guillermo Bonfil Batalla, depositado no Arquivo do CIESAS na unidade regional da Cidade do México, e parte dos documentos da ALA – sob a guarda de Teresa Rojas Rabiela (?-), secretária da Associação durante a presidência de Cardoso de Oliveira, na Cidade do México.

e o *Harvard-Central Brazil Research Project*. Segundo Laraia (2008) ambos foram importantes para a história da antropologia brasileira e desenvolveram uma amizade que perpassou suas vidas. Com as mudanças na pesquisa de Cardoso de Oliveira e os distanciamentos causados pelo tempo, a frequência de diálogo mudou, o que pode ser percebido nas correspondências, mas ela continuava presente. Em relação ao conteúdo, o diálogo costumava ser longo e abordava questões que envolviam as pesquisas em desenvolvimento, os planos futuros, a vida familiar, o desejo ou a recordação dos encontros e questões teóricas para serem pensadas juntas. Isso é possível perceber através do fragmento de uma das cartas:

Infelizmente não consegui sequer falar com você por telefone como despedida. Telefonei algumas vezes do Biorn e ninguém respondeu. E quando tentei novamente no Domingo, às onze horas da manhã, também ninguém respondeu. Soube depois, pelo Rodolfo, que você havia viajado meio-dia: Isso é hora de viajar para os States??? Imaginava que vocês sairiam à noite. Gilda, que desejava falar com Pia, também ficou frustrada. Espero, contudo, que vocês tenham aproveitado bastante o encontro com os Maybury-Lewis II e com o Brasil. [...] Em anexo você está vendo uma cópia de meu manuscrito cujas idéias, relativas ao que chamei de “desenvolvimento perverso” do paradigma hermenêutico, foram elaboradas durante minha estadia aí. Espero que nossos colegas interpretativistas pós-modernos entendam a posição de um dos últimos racionalistas... Tenho a impressão que você concordará muito comigo (ainda que não inteiramente, dada a nossa saudável e fraterna discordância...). Atualmente, estou escrevendo um artigo sobre “a vocação meta-disciplinar da etnografia da ciência”. Esse artigo, mas alguns outros já publicados no Anuário, pretendo reuní-los num próximo livro que espero pronto até o fim desse ano (Roberto Cardoso de Oliveira, 12 de janeiro de 1987, Arquivo Edgard Leuenroth)²².

Ainda sobre a troca de correspondência entre Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis, é possível adicionar ainda mais uma informação: apesar das cartas estarem escritas no idioma nativo do remetente, com frequência é possível encontrar palavras ou expressões na outra língua, como se algumas coisas só pudessem ser ditas dessa forma, não por uma questão formal ou de falta de tradução, mas como um diálogo envolto por uma relação construída ao longo de muitos anos. Além de aparecer no corpo do texto, Maybury-Lewis sempre se despedia com uma saudação em português, como “com abraços saudosos do amigo”, etc. A respeito da questão das despedidas e das saudações iniciais, vale notar que Cardoso de Oliveira também costumava se referir de forma particular ao escrever para pessoas próximas, usando alguns cumprimentos recorrentes

²² Enviada para Maybury Lewis. Para facilitar o entendimento, apenas alguns esclarecimentos: Biorn é um dos filhos de David e Pia (1926-2015) Maybury-Lewis e trabalhou no Brasil; Rodolfo é um dos filhos de Roberto e Gilda Cardoso de Oliveira.

como: “caríssimo/a” e “querido/a” e/ou uma saudação mais carinhosa como “Abraços do velho” e “Aqui fica o velho amigo e colega”.

A amizade com Maybury-Lewis contribuiu para o desenvolvimento do projeto entre Harvard e o MN e a criação de um rede de relações que envolveu antropólogos das duas instituições, já que impulsionou o intercâmbio de pesquisadores entre os dois países, assim como o desenvolvimento de pesquisas individuais de brasileiros na instituição americana, como o pós-doutorado de Cardoso de Oliveira e o doutoramento de Roberto Augusto DaMatta (1936-) – importante frisar que DaMatta foi orientado por Maybury-Lewis na instituição norte-americana.

Além disso, esse projeto auxiliou o trabalho de campo em comunidades indígenas realizado por pesquisadores de Harvard, auxiliando no contato junto aos órgãos governamentais, compartilhando os recursos materiais necessários e realizando pesquisas em conjunto. O que pode ser percebido na correspondência do Fundo Roberto Cardoso de Oliveira, enviada a uma das seções do SPI do Mato Grosso, de modo a estender as relações já estabelecidas:

Essa carta tem a finalidade de lhe apresentar o casal Chris Crocker, norte-americanos, que estão trabalhando no Museu Nacional no campo de pesquisa etnológica [...] Conto com seu apoio pessoal, para interferir com seu prestígio de Chefe junto aos Encarregados dos PP.II. que venham a receber os referidos etnólogos, solicitando-lhes a tradicional cooperação que o SPI sempre brindou seus visitantes, particularmente pesquisadores (Roberto Cardoso de Oliveira, 26 de janeiro de 1964, Arquivo Edgard Leuenroth)²³.

Outra relação importante, que contribuiu com o estabelecimento de redes e desenvolvimento de pesquisas e projetos, foi nutrida com Bonfil Batalla. Os dois antropólogos se conheceram durante o VI Congresso Indigenista Interamericano realizado em Pátzcuaro, México, em 1968 (Cf. Roberto Cardoso de Oliveira, 1995, Arquivo da Associação Latino-Americana de Antropologia)²⁴, essa foi também a primeira ida do antropólogo brasileiro ao país. A partir desse encontro se iniciou a relação entre os dois, mantida por uma correspondência frequente e viagens recorrentes ao país²⁵, possibilitando o contato com outros antropólogos e a criação de uma rede –

²³ Carta enviada a João Batista Ferreira Filho, chefe da 6ª Inspetoria Geral do SPI.

²⁴ Texto apresentado na mesa redonda da XIX Reunião Brasileira de Antropologia de 1994, intitulado “Organização do ‘Campo Antropológico’ Latino-Americano” e publicado no Boletim Plural da ALA, em 1995.

²⁵ A partir disso, Cardoso de Oliveira passou, pelo menos as duas décadas seguintes indo ao país a cada dois anos, às vezes aproveitando uma viagem para os EUA ou apresentando alguma conferência. Depois desse período, as visitas foram ocorrendo com um intervalo maior de tempo.

principalmente vinculados ao CIS-INAH –, interlocuções de pesquisa e a criação da Associação Latino-Americana de Antropologia. A amizade e os trabalhos em conjunto perduraram até a morte prematura de Bonfil Batalla em um acidente de carro em 1991, e por isso, Cardoso de Oliveira foi convidado a contribuir na publicação de um livro em homenagem a ele:

Mas, com Guillermo, o que começou como relação entre colegas logo foi se transformando em uma profunda amizade que se prolongaria até o seu falecimento – que até agora me é difícil aceitar como tendo de fato ocorrido. A impressão que ele me causou, como antropólogo e como pessoa, levou-me a convidá-lo pouco tempo depois para participar do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro) na qualidade de Professor-Visitante. Portanto, Guillermo foi um dos primeiros professores estrangeiros a se integrar naquele Programa que eu havia criado e que teve início em setembro daquele ano [...] Essa colaboração entre nós haveria de ser retribuída quase dez anos depois, em 1979, com minha participação no Doutorado do então CISINAH, a convite do próprio Guillermo em sua condição de diretor [...] Mas é como amigo que mais sinto a sua morte. E a única expressão que me ocorre neste momento é a palavra saudade, intraduzível noutra língua, mas que diz bem aquilo que sinto (Roberto Cardoso de Oliveira, 7 de março de 1992, Arquivo Edgard Leuenroth)²⁶.

Para além das relações pessoais e profissionais desenvolvidas pelos dois antropólogos, houve uma intensa interlocução de pesquisa, principalmente na área de relações interétnicas, que se alastrou pela instituição mexicana e pela rede formada a partir desse contato. Segundo Virginia García Acosta (1952-), em entrevista realizada em 18 de fevereiro de 2020, as ideias desenvolvidas por Cardoso de Oliveira encontraram um campo favorável em transformação e diálogo fecundo no país: “como él era muy afable mucha gente se acercó a él y sus propuestas teóricas creo que cayeron en un campo fértil y se desarrollaron” (Virginia García Acosta, 2020). A influência marxista na antropologia mexicana ia cedendo lugar para uma visão sobre uma sociedade pluriétnica, gerando espaço para as reflexões das relações interétnicas, que influenciam o indigenismo no país até os dias de hoje.

Além disso, através dessa rede teve início o projeto de intercâmbio de pesquisadores entre os dois países, ação essa promovida por Cardoso de Oliveira e por Bonfil Batalla, e que incluiu García Acosta, Virginia Molina Ludy (?-2008) e María Eugenia Vargas (?-) como alunas da pós-graduação da UnB de forma a intensificar os laços entre as instituições e países, dificultada por questões burocráticas de viagens mais

²⁶ Enviada de São Paulo a Enrique Florescano, organizador de publicação em homenagem a Bonfil Batalla.

regulares de Cardoso de Oliveira e Bonfil Batalla. Dessa forma, nas palavras do antropólogo brasileiro:

As únicas dificuldades que sempre surgem estão na questão de tempo: do tempo de ir ao México, ainda que eu sempre deseje estar aí com vocês; mas as obrigações que me prendem a Brasília, não me deixam sair por mais de duas ou três semanas – o que vem impedindo que eu dê cursos regulares no CIS-INAH. Portanto, a idéia de minha participação através da vinda de estudantes para a UnB, como nesse caso da Nina²⁷, parece-me excelente e eu só espero que isso seja compensador aos estudantes mexicanos e ao programa de doutoramento do CIS-INAH (Roberto Cardoso de Oliveira, 23 de janeiro de 1976, Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social*)²⁸.

Além da docência, das conferências e da rede de relação, a parceria junto a Bonfil Batalla impulsionou dois trabalhos de Cardoso de Oliveira em dois projetos no México, na Meseta Tarasca, localizada em Pátzcuaro: o primeiro intitulado “*Proyecto Rescate del Patrimonio Cultural de los Tarrascos*”, em 1973, e contou com a colaboração de diversos intelectuais, entre eles Vargas – que foi orientada pelos dois antropólogos em seu doutorado sobre educação indígena na região. O segundo projeto ocorreu junto ao *Programa de Formación Profesional de Etnolingüística*, que era conduzido pelo CIS-INAH com convênio com o Instituto Nacional Indigenista (INI). O programa tinha como objetivo substituir o Instituto Linguístico de Verão, construído por protestantes, para formar etnolinguistas indígenas.

Assim, como é possível perceber através dos casos de Maybury-Lewis e Bonfil Batalla, essas amizades possibilitaram a criação de redes de relação, de projetos internacionais e de incentivo à formação de programas no Brasil e no México, assim como a formação de pesquisadores nos dois países e nos EUA. Olhar para esses casos possibilita perceber o cruzamento das relações pessoais e institucionais, refletidas nas correspondências do fundo de Roberto Cardoso de Oliveira, mas também perceber o alcance de seu projeto de antropologia, que além de fomentar uma intensa produção teórica, foi fundamental para a criação de programas de pós-graduação e da cooperação com a disciplina produzida em outras regiões.

Considerações finais

Essa comunicação foi uma tentativa de trabalhar algumas questões presentes na minha pesquisa de mestrado, principalmente com o material do fundo Roberto Cardoso

²⁷ Nina é o apelido de María Eugenia Vargas.

²⁸ Carta enviada a Bonfil Batalla.

de Oliveira, e que possam contribuir com uma discussão sobre a institucionalização da antropologia no Brasil através de sua trajetória. O material possibilita acessarmos alguns pontos que contribuíram com esse processo: o papel que Cardoso de Oliveira desenvolveu nesse trabalho, como um dos antropólogos responsáveis pelos primeiros programas de pós-graduação no país, mas que além da constituição desses programas, também participou ativamente das reflexões da pós-graduação no Brasil e na América Latina e foi conselheiro e avaliador de agências de fomento nacionais, contribuindo também com a reforma universitária. Além disso, um olhar para as relações com alguns de seus principais interlocutores, nesse caso Maybury-Lewis e Bonfil Batalla, permite ainda acessar uma rede de relações pessoais que nos possibilita alcançar as discussões e diálogos trocados nos períodos em questão, além de alcançar esse próprio aspecto do processo de institucionalização, de produção teórica e de seu projeto de antropologia.

É dessa maneira que a trajetória de Cardoso de Oliveira e a institucionalização da antropologia brasileira estão altamente imbricadas, e que não seria frutífero pensar em um sem o outro. Além disso, os documentos do antropólogo foram doados por ele mesmo com a intenção de que pudesse contribuir com a reflexão da disciplina, devido ao seu trabalho desenvolvido. Assim, colocar esses documentos em diálogo é uma forma de alcançar esses objetivos e de trazer novas questões para a historiografia da antropologia no Brasil. Com isso é importante frisar que, como essa análise foi feita a partir da trajetória do antropólogo, ela acaba por se concentrar nas instituições e no trabalho desenvolvido por Cardoso de Oliveira, trazendo uma pequena parcela do período de institucionalização da disciplina e o desenvolvimento de seu trabalho.

Vale lembrar, por fim, que apesar da importância e contribuição de Cardoso de Oliveira para a disciplina, sua trajetória foi singular por diversos aspectos e por diferentes marcadores, nos permitindo acessar uma parcela da história da disciplina. Para finalizar, termino com as palavras de Luís Roberto Cardoso de Oliveira sobre essa questão:

[...] meu pai sempre foi muito preocupado não só com a dedicação dele mesmo como pesquisador, mas também com o processo de formação, com o processo de institucionalização da disciplina e o lado mais filosófico, digamos, que também tenha um outro investimento em refletir sobre a produção na antropologia, sobre o saber na antropologia, que é algo que ele desenvolveu mais creio que nos anos [de] 1980, que a partir dos anos [de] 1980 por muitas razões, tem a ver também com o momento histórico. Enfim, ele também teve uma trajetória num momento, assim irreproduzível, digamos. Eu não acho que é possível ter uma outra trajetória igual à dele. Daqui para a frente pode evidentemente ter trajetórias com muito mais impacto, mais peso sobre qualquer ângulo, mais interessante sobre qualquer ângulo, mas não tem muito lugar para uma trajetória igual à dele, que faça sentido, digamos, um

profissional da área que tenha o mesmo tipo de investimento em articular, ter o investimento e a oportunidade (Luís Roberto Cardoso de Oliveira, 2019).

Referências bibliográficas

Arquivos consultados:

Acervo particular da Associação Latino-americana de Antropologia – Cidade do México (México).

Fundo Guillermo Bonfil Batalla – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS)* – Cidade do México (México).

Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp) – Campinas (SP).

Entrevistas:

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Brasília, 15 de fevereiro de 2019.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Iluminando a face escura da lua. Marília: 2004. Entrevista gravada nas Jornadas de Estudo “Roberto Cardoso de Oliveira” na Unesp Marília (60 min).

GARCÍA ACOSTA, Virginia. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Cidade do México, 18 de fevereiro de 2020.

MELATTI, Julio Cezar. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Brasília, 17 de junho de 2019.

SAMAIN, Etienne; MENDONÇA, João M. de. Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 43, nº 1, 2000, p. 185-236.

Artigos e livros:

AMORIM, Maria Stella de. *Roberto Cardoso de Oliveira: Um artífice da antropologia*. Brasília: Pararelo 15, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2001.

BONFIL BATALLA, Guillermo. *México Profundo: uma civilização negada*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro; Brasília: Tempo Brasileiro; CNPq, 1988.

_____. *Universidade e Singularidade da Antropologia – em memória de Guillermo Bonfil Batalla*. *Plural – Boletín de la Asociación Latinoamericana de Antropología*, outubro de 1992, p. 4-6.

_____. *Iluminando a face escura da lua*. Marília: 2004. Entrevista gravada nas Jornadas de Estudo “Roberto Cardoso de Oliveira” na Unesp Marília (60 min).

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto; RUBEN, Guillermo Raul (orgs.). *Estilos de antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CORRÊA, Mariza. *História da antropologia no Brasil – Projeto da Unicamp*. *Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, julho-outubro de 1995, p. 115-118.

_____. *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

CORRÊA, Mariza; LARAIA, Roque (orgs.). *Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992.

DEBERT, Guita Grin (org.). *Roberto Cardoso de Oliveira: Professor Emérito da Unicamp*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. Dossiê – Trajetórias convergentes: Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, nº 2, 2008, p. 547-554.

PORTO, Beatriz Couto. Acervo de Roberto Cardoso de Oliveira. In: CORRÊA, Mariza; LARAIA, Roque de Barros (orgs.). *Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992. P. 167-174.

RUBIN, Christina de Rezende (org.). *Iluminando a face escura da lua: Homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira*. Marília: Cultura Acadêmica, 2011.